

Colheitas e regeneração dos pinheirais

Categories : [Reportagens](#)

*Dos pinheirais é que vive a indústria nacional do pinho e derivados. Caso o ritmo da exploração se mantenha sem alteração, a vida dos pinheirais catarinenses talvez se prolongue apenas por mais 50 anos. ***

Como mostramos na primeira parte desta reportagem ([veja aqui](#)), a colheita de pinhões tem trazido renda para centenas de famílias no planalto catarinense, mantendo pessoas no campo e remanescentes de florestas com araucárias em relativo estado de conservação. Mas a Ciência ainda não sabe se tamanha extração de sementes prejudicará a regeneração das matas ou a sobrevivência de animais silvestres.

Conforme especialistas da área biológica, florestas com araucárias em bom estado abrigam até 375 espécies de animais – 256 de aves, 61 de mamíferos e 58 de répteis e anfíbios. O pinheiro-brasileiro é uma das 250 espécies das matas com araucárias e uma das vinte mil plantas conhecidas da Mata Atlântica. Tamanha riqueza depende de um intrincado jogo onde fauna e vegetação atuam lado a lado na formação e manutenção das florestas. “Em matas de araucárias, até 90% das plantas precisam da fauna para dispersar suas sementes”, disse Fernanda Thiesen Brum, pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esse trabalho é feito gratuitamente por pacas, cutias, ouriços, esquilos, catetos, papagaios-charão e gralhas-azuis. Enquanto se alimentam, perdem ou enterram sementes no meio da mata ou nos campos. Indígenas hoje extintos também desempenharam papel forte na proliferação dos pinheirais, estocando e carregando sementes pela região que chamavam de “curiirama”, a terra dos pinheiros. Sem essa movimentação humana e animal, as florestas não teriam coberto no passado um terço do território sulista e tenderiam a encolher, sem o crescimento de vegetação nova.

Por isso o coordenador do curso de Engenharia Florestal da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) João Fert Neto é enfático ao afirmar que “floresta sem fauna não é floresta”. E observando a colheita intensiva de pinhões em Painel e outros municípios de Santa Catarina, questiona sobre os impactos na sobrevivência dos animais nativos da região. “A colheita do pinhão deve afetar a fauna, pois é seu principal alimento no inverno. Mas ainda não se conhece o impacto da prática sobre as florestas ou quanto de pinhões deveria ser deixado nas matas para sua regeneração e alimentação de espécies nativas”, disse.

Conforme pesquisa de mestrado realizada na Floresta Nacional de São Francisco de Paula (RS) pela bióloga Graziela Iob, animais silvestres tem frutos, sementes e outros alimentos durante todo o ano em florestas com araucárias. No entanto, no inverno os pinhões são praticamente a única comida disponível. No município de Painel, por exemplo, bandos com centenas de papagaios-charão espalham sua algazarra enquanto sobrevoam a região em busca de pinhões (foto ao lado). Na [área protegida federal](#) também há colheita de pinhas. Eles frutificam em pinheiros ladeados por plantações de pinus e eucaliptos.

Iob também verificou em seu estudo algo que os produtores catarinenses perceberam na prática: que a produtividade dos pinheiros varia em ciclos de dois a três anos. A colheita, todavia, é sempre do máximo possível de sementes. “Em anos de alta produção, sobram sementes para comercializar e alimentar a fauna. Mas como fica nos anos de baixa produtividade?”, questionou.

Vacas, porcos e outros rebanhos domésticos também se alimentam dos pinhões, reduzindo a quantidade disponível para a fauna e regeneração das florestas. Esses fatos preocupam a pesquisadora Fernanda Brum, da UFRGS. “A colheita de pinhões deveria variar conforme a produtividade natural das árvores, deveria ser manejada com cotas relativas aos anos de alta e de baixa produtividade”, comentou.

Regeneração e genética

*Desde que os “madeireiros” abandonaram a exploração do pau-brasil, pela extinção das matas, ainda no tempo do Brasil-Império, desviaram suas atividades para os imensos pinheirais, (...). Foi, assim, que o pinho se tornou a maior vítima da exploração imoderada de “madeireiros” gananciosos, meros exploradores que, visando apenas ao lucro imediato e sem esforço e não se preocupando, em absoluto, com o replantio da espécie, destruíram imensos pinhais deixando as terras inaproveitadas e entregues à invasão da bracatinga podendo dar origem a formações acaatingadas extensas, um tipo especial de caatingas de mimosáceas.**

A antiga rainha das florestas frias do país é uma espécie pré-histórica que viu dinossauros e outras feras surgirem e desaparecerem do planeta. Em menos de um século, a atividade madeireira quase a levou à extinção. Estrago feito, resta trabalhar pela recuperação dessas formações, importantes para economias, fornecimento de água e manutenção da diversidade biológica.

Recompor as matas e reduzir a alta fragmentação dos bosques na região de Painel ([veja aqui](#)) é fundamental para ampliar a economia do pinhão e também para as torneiras de Lages. Afinal, daquelas matas vêm as águas que formam o Rio Caveiras, principal fonte de abastecimento da população, comércio e indústria da cidade, incluindo uma fábrica de [sacos industriais de papel da Klabin](#). “Mato é fábrica de água de qualidade”, ressaltou Guilherme Floriani, diretor do Projeto Kayuvá.

Em bosques abertos e campos iluminados, a araucária avança, abrindo caminho para o crescimento de outras espécies. A espécie produz pinhões quase que ao longo de toda a vida, que pode durar séculos. O início da produção varia muito, entre 15 e 20 anos. Já uma árvore no [município catarinense de Caçador](#) começou a gerar pinhas aos oito anos. Em 2008, foram mais de quatrocentas; no ano anterior, 365 pinhas.

O Paraná tem um projeto para interligar matas com araucárias dentro de fazendas e áreas protegidas em onze municípios. Empreitadas semelhantes, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, não saíram do papel, conforme Miguel Guerra, pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina. “Precisamos interconectar fragmentos com corredores ecológicos, o mais rápido possível, pois a fragmentação dificulta a regeneração das florestas”, disse.